

PSICOLOGIA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Thomas de Lima Filho ¹

Resumo:

A mediação dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano. Este artigo foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica e enfoca as principais correntes da psicologia da educação. A reflexões sobre a psicologia da educação escolar, sinalizam para o fato de que as construções científicas em psicologia repercutem nas práticas pedagógicas. A psicologia é uma ciência que tem por interesse o desenvolvimento, o comportamento e a personalidade do homem e, contribui para que os educadores compreendam o processo de aprendizagem do aluno de forma a ajuda-los a superar suas limitações e dificuldades de aprendizagem. A pesquisa permitiu compreender o contexto da psicologia educacional e a integração entre psicologia e educação, como ciências necessárias ao processo de desenvolvimento da aprendizagem e do ensino.

Palavras-chave: Educação, Psicologia, Teorias da Psicologia, Aprendizagem

Abstract:

on the mediation of learning and human development processes. This article was prepared from a bibliographic review and focuses on the main currents of educational psychology. Reflections on the psychology of school education signal the fact that scientific constructions in psychology have an impact on pedagogical practices. Psychology is a science that is interested in the development, behavior and personality of man and helps educators to understand the student's learning process in order to

¹ Graduado e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). Especialista em Gestão de Serviço da Saúde, pelo centro de Ensino Superior de Cuiabá (CESUC). Mestrando em Ciências da Saúde Pública.

help them overcome their limitations and learning difficulties. The research allowed to understand the context of educational psychology and the integration between psychology and education, as sciences necessary for the process of development of learning and teaching.

Keywords: Education, Psychology, Theories of Psychology, Learning

1. INTRODUÇÃO

A psicologia pode trazer uma grande contribuição para a educação e a prática docente (ALMEIDA e AZZI, 2007). Segundo as mesmas autoras, na atualidade, dada à importância da formação do aluno e a necessidade de um professor bem formado, a psicologia surge como um dos fundamentos essenciais para a prática pedagógica. A psicologia educacional oferece ao professor o embasamento necessário, aliado aos demais conhecimentos inerentes à formação profissional, para a compreensão das relações que se estabelecem no contexto escolar.

De forma mais direcionada para o exercício profissional da docência, a Psicologia chega até os cursos de formação de professores como uma das disciplinas responsáveis pelo embasamento teórico (GUERRA, 2003). Presente nos currículos como uma disciplina pedagógica, tem como objetivo subsidiar a atuação docente por meio do conhecimento sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem, que constituem, tradicionalmente, os temas mais enfocados no campo de estudos da Psicologia da Educação.

O embasamento fornecido pela psicologia relacionada a educação, permite ao professor, em todos os níveis de ensino, reconhecer os fatores psicológicos que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno. De acordo Martínez (2003) o conhecimento das teorias da psicologia contribui para que o professor possa melhor compreender os fenômenos educativos.

Os fundamentos científicos que determinaram o objeto de estudo e o método de pesquisa da Psicologia foram criados por Wilhen Wundt, em meados do século XIX. A Psicologia assim como as demais ciências é composta por diversas correntes de pensamento, as quais têm por base em seu processo investigativo práticas e princípios metodológicos específicos.

As pesquisas de Wundt possibilitaram o surgimento de correntes como o: Behaviorismo, teoria que analisa o comportamento na perspectiva dos condicionamentos sociais, a qual tem como principal expoente Skinner. O Gestaltismo, corrente que se opõe a visão comportamentalista, pois defende que os fenômenos da percepção, da memória e da afetividade eram vivenciadas sob a forma de estruturas. A Epistemologia Genética, em que os estudos de Jean Piaget, concluíram que a aprendizagem se faz por etapas.

Outras tantas teorias da psicologia se sucederam aos estudos de Wundt, como a Psicologia sócio-histórica, proposta por Lev Vygotsky, para quem o contexto social tem influência significativa no processo de aprendizagem. E a psicanálise, postulada por Freud que tem como objeto de investigação o inconsciente, seja das palavras ou das ações do sujeito. Sendo assim, essas principais correntes da psicologia, possibilitam a compreensão do desenvolvimento de pressupostos necessários ao processo de aprendizagem da criança.

O modelo comportamentalista mais difundido na educação é o behaviorismo radical de Skinner, que ampliou a noção de relação entre estímulos ambientais e as respostas do organismo, incluindo a noção de contingência de reforço, entendida como a relação funcional entre um antecedente, a resposta e as suas consequências, num arranjo temporal, onde um evento é seguido por outro (SKINNER, 1981).

A Psicologia Educacional se fez e se refez ao longo do tempo em diferentes momentos, a partir da sua relação com a Educação e com a conjuntura política, histórica e social. Sua história é marcada por continuidades, descontinuidades, rupturas, reconstruções e uma discussão permanente de seu papel (BARBOSA, 2011).

É importante enfatizar ainda que a Psicologia, ao estudar a educação, o ensino e a aprendizagem, tem trazido contribuições significativas. Porém, podemos perceber que, da compreensão desses processos e da análise de suas diferentes explicações – algumas convergentes e outras divergentes – dependerá da escolha do método de ensino. Dependerá ainda da organização e objetivos de aprendizagem, principalmente da postura profissional coerente, fundamentada cientificamente e necessária à mudança que se exige diante das condições de ensino-aprendizagem em nossa realidade (NODARI, 2009). Portanto, as questões educacionais analisadas sob a

perspectiva da psicologia contribuem consideravelmente para as ações na prática escolar.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A psicologia como ciência

Até o final do século XIX, somente encontravam-se explicações psicológicas de natureza filosófica. Mas, gradativamente, começou a manifestar-se a tentativa de desvincular-se da filosofia, culminando com o aparecimento da Psicologia científica no século XX. Para separar-se da Filosofia, a Psicologia instrumentalizou-se com a utilização dos métodos experimentais das Ciências Físicas e Naturais.

A definição do campo de conhecimento da Psicologia da Educação é o resultado dos esforços de utilização das explicações e métodos da Psicologia científica, para a melhoria das práticas educativas, em geral, e da escolarização, em particular. A partir do século XIX, a ciência passou a se tornar a forma por excelência de conhecimento, sendo convocada a explicar as inovações surgidas.

Em torno de 1850, Fechner e Weber formulam uma lei que passou a ser conhecida como “lei de Fechner-Weber” e que consiste na relação entre um estímulo e uma sensação, permitindo com isso sua mensuração. Grande contribuição ao avanço da Psicologia, como ciência também, é o trabalho de Wilhelm Wundt (1832-1926), com a criação do laboratório de Psicofisiologia, na Universidade de Leipzig (Alemanha), em 1879.

Em virtude de seus estudos, Wilhelm Wundt foi considerado o “pai” da Psicologia Científica. Ele define a Psicologia como uma ciência da consciência e desenvolve estudos sobre o “paralelismo psicofísico”, que consiste no entendimento de que fenômenos mentais/psíquicos correspondem a fenômenos orgânicos. Seu método é denominado de método introspectivo.

Por intermédio dos estudos que passam a se tornar mais aprofundados, define-se o objeto de estudo da Psicologia como sendo o comportamento, a consciência e a vida psíquica. O campo de estudos é, então, delimitado. Novos métodos passam a ser elaborados ao mesmo tempo que novas teorias são formuladas, o que permite o avanço e o estabelecimento definitivo da Psicologia.

Os temas e problemas da Psicologia passam a ser estudados pela Medicina, pela Fisiologia e Neurofisiologia, Neuroanatomia e Psicofísica, com foco no sistema nervoso central. Segundo Bock (1999) “para conhecer o psiquismo humano passa a ser necessário compreender os mecanismos e o funcionamento da máquina de pensar do homem – seu cérebro”.

2.2 PRINCIPAIS TEORIAS DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

2.2.1 Psicanálise

Esta teoria foi desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939). A Psicanálise é um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito.

O conceito de inconsciente é o suporte da teoria e da prática psicanalítica. Tem uma dimensão de inatingível e nos impõe permanentemente a questão dos avanços teóricos que se desenvolvem em torno dele. Freud instituiu o conceito de inconsciente.

Definiu seu estatuto principalmente em três obras:

- 1) *A Interpretação dos Sonhos*;
- 2) *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*;
- 3) *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*.

Afirmou que o sonho era o caminho para o inconsciente. Freud “descobre” o *inconsciente* por intermédio dos estudos de Breuer, que ocorrem por sua experiência clínica, e também com o trabalho de BERHEM sobre sugestão pós-hipnótica. Observou que existe um processo inconsciente paralelamente a outro que denomina o *consciente*.

Na interpretação psicanalítica, os processos psíquicos inconscientes representam os conteúdos que não estão presentes na consciência e que são reprimidos e recalçados. Ou seja, são aqueles aspectos que os indivíduos não conseguem revelar. O estudo do inconsciente foi um grande marco da teoria psicanalítica.

O sistema consciente tem a tarefa de receber informações provenientes do exterior e do interior, que ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer ou desprazer que causam, porém ele não retém esses registros e representações como depósito ou arquivo deles. Assim, a maior parte das funções perceptivo

cognitivas-motoras – como as de percepção, pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, atividade motora, etc. – processam-se no sistema consciente, embora este funcione intimamente conjugado com o sistema inconsciente, com o qual quase sempre está em oposição.

O sistema pré-consciente foi concebido como articulado com o consciente e trabalha “selecionando” o que pode, ou não, passar para o consciente. Funciona ainda como um pequeno arquivo de registros, cabendo-lhe sediar a fundamental função de conter as representações de palavra, conforme foi conceituado por Freud em 1915.

O inconsciente designa a parte mais arcaica do aparelho psíquico. Por herança genética, existem pulsões, acrescidas das respectivas energias e “protofantasias”, como FREUD denominava as possíveis fantasias atávicas que também são conhecidas por “fantasias primitivas, primárias ou originais”. As pulsões estão reprimidas sob a forma de “repressão primária” ou de “repressão secundária”. O adjetivo inconsciente é por vezes aplicado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência.

Freud elabora ainda outros conceitos produzindo a segunda tópica³ ou teoria sobre o aparelho psíquico. Encontramos aqui o conceito de “id” (isso). Nessa teorização aparecem também os conceitos de “ego” (eu) e “superego” (supereu). É importante ressaltar que a constituição desta “segunda teoria” não anula, não se iguala e nem se sobrepõe à teoria do inconsciente. Ambas são consideradas como forma de explicar o aparelho psíquico de modo mais completo e complexo.

2.2.2 A psicologia sócio-histórica/ behaviorismo

O behaviorismo ou comportamentalismo é um dos principais sistemas psicológicos do século XX. Nasce em território norte-americano a partir da publicação de um manifesto, em 1913 por John Watson. Fortemente marcado pelo positivismo, defendia a psicologia como saber que deveria inscrever-se no campo das ciências naturais, necessitando rever seu objeto e método e, assim, propõe substituir o estudo da experiência pelo estudo do comportamento.

Seus principais representantes foram: Watson que, através de seu manifesto e pesquisas, lançou as bases para a constituição do behaviorismo metodológico e

Skinner que leva às últimas consequências a proposta comportamentalista, defendendo a não importância de se pensar em termos de mente ou subjetividade, o que caracteriza um dos fundamentos do behaviorismo radical.

Behaviorismo é um termo que vem da palavra inglesa “behavior”, que significa comportamento. Temos então uma teoria psicológica que se desenvolveu a partir da definição do objeto de estudo “comportamento”, daí behaviorismo ou comportamentalismo. Seu objeto é, portanto, o comportamento tanto animal quanto humano, definido objetivamente como válido se for observável e mensurável.

A aprendizagem é definida como um processo de condicionamento, distinto em dois tipos básicos. O primeiro, denominado respondente, se processa pelas respostas produzidas por estímulos ambientais que lhes são antecedentes. Temos o esquema (**E → R**), sendo **E** – estímulo e **R** – resposta. Os comportamentos respondentes são reflexos incondicionados, que combinados com estímulos eliciadores (que podem provocar as respostas) produzem respostas condicionadas.

O segundo, chamado de operante, trata de um conjunto de atividades que produzem efeito sobre o mundo. A aprendizagem ocorre, então, por uma ação do organismo e seu efeito sobre o ambiente. Temos aqui um esquema (**R → r**), sendo que **R** – resposta operante e **r** – estímulo reforçador.

Os reforços têm as denominações de positivo (+) e negativo (-), sendo positivo todo evento que aumenta a probabilidade de novas respostas. Já o negativo consiste no evento que aumenta a probabilidade de uma resposta por remoção.

O condicionamento operante, para levar à modificação comportamental, serve-se dos esquemas de diferentes categorias de reforçamento, que são empregadas de modo planejado e especial, dependendo da situação e do comportamento que se quer condicionar. Pode-se dividir os esquemas de reforçamento em duas categorias maiores, o esquema de reforçamento contínuo e o esquema de reforçamento intermitente, e suas subcategorias.

No Esquema de Reforçamento Contínuo toda vez que uma dada resposta for emitida ela será reforçada. Dessa forma, o aprendizado ocorre mais rápido.

Essa teoria permite compreender que a aprendizagem e o comportamento do indivíduo são resultantes de estímulos ambientais. Fundamenta-se no poderoso papel da recompensa ou reforço e parte da premissa de que toda ação que produza

satisfação tenderá a ser repetida e aprendida, ou seja, aprender é estar condicionado a determinados sinais presentes no meio em que vivemos.

A aprendizagem é o condicionamento comportamental obtido pela repetição intensa do organismo dos estímulos ambientais reforçados externamente.

2.2.3 Gestaltismo

É um termo alemão de difícil tradução. Em português essa teoria é denominada de teoria da “forma ou configuração”. Seus fundadores foram Kurt Koffka (1886-1941) e Max Wertheimer (1880-1943).

De acordo com Araújo *et al.* (2019) os pioneiros do gestaltismo conduziram pesquisas e experimentos controlados que permitiram definir leis e princípios da experiência perceptiva. É assim que estabelecem as leis de organização da percepção que são menos leis da percepção e mais leis que explicam a composição das forças em jogo no campo perceptivo. Isto porque, as leis falam, sobretudo, de como o campo perceptivo se organiza no encontro perceptivo do mundo. Assim, o gestaltismo transforma-se em uma psicologia estrutural ou psicologia da forma. Esta, por sua vez, vai ganhando diferentes interpretações e nuances ao longo do tempo. A teoria da Gestalt tem como ponto inicial e principal objeto a percepção. De acordo com os gestaltistas, o processo da percepção encontra-se entre os estímulos fornecidos pelo meio e a resposta do indivíduo (ARAÚJO *et al.*, 2019). O que é percebido pelo indivíduo e como é percebido são importantes elementos para que se possa compreender o comportamento humano.

Assim como para o Behaviorismo, a Gestalt entende a Psicologia como uma ciência que estuda o comportamento, todavia, com suas diferenças teóricas – os behavioristas estudavam o comportamento pela relação estímulo-resposta e desconsideravam os conteúdos conscientes devido à impossibilidade de controlá-los de modo científico.

De acordo com os gestaltistas, o comportamento deveria ser observado em seus aspectos mais globais e deveria haver a consideração das condições que alteram a percepção do estímulo. Como justificativa a essa teoria, embasavam-se na teoria do isomorfismo – esta pressupunha uma ideia de unidade no universo e pressupunha que a parte sempre se relacionava ao todo.

É nos fenômenos da percepção que a Gestalt descobre as condições para a compreensão do comportamento do homem. A maneira como se percebe o estímulo provocará o comportamento humano. Vale explicitar alguns princípios fundamentais e a partir dos quais a percepção se configura: 1) ” o todo é mais do que a soma das partes”; 2) princípio de fechamento; 3) princípio de proximidade; 4) princípio de semelhança; 5) a relação entre figura e fundo.

O princípio número 1 significa que ao se observar um objeto, há a tendência de se perceber a totalidade do objeto. O princípio número 2 afirma que há a tendência de se buscar na memória algum elemento que seja próximo do objeto, na questão de conteúdo e forma, para facilitar a compreensão do mesmo. O princípio número 3 significa que, ao se perceber um objeto, há a tendência de que ele seja agrupado de acordo com a relação de proximidade que ele possui com outro objeto.

O princípio número 4 diz da tendência do homem de agrupar os elementos de acordo com suas semelhanças. Por fim, na relação figura/fundo, uma parte emerge do todo e se discrimina do resto da gravura. A parte que emerge é a figura e os outros elementos são o fundo. Assim, o objeto que se percebe de modo imediato é sempre a figura. O trabalho do professor, dentro desta perspectiva teórica, seria o de dar auxílio ao aluno, seria o de reorganizar o campo de percepção daquele de acordo com o conteúdo.

2.2.4 Epistemologia genética

Jean Piaget, fundador da Epistemologia Genética, nasceu em Neuchâtel, Suíça, no dia 9 de agosto de 1886, e morreu em Genebra em 16 de setembro de 1980. A teoria piagetiana, centrou seu interesse na psicogênese do conhecimento. Para Piaget, o conhecimento seria decorrente da ação do sujeito sobre o objeto, pois é por meio de esquemas de ação que ele conhece a realidade. Apesar de Piaget ter teorizado sobre outras questões, a preocupação com a gênese do conhecimento propiciou explicações sobre o desenvolvimento cognitivo.

Piaget busca a natureza específica do pensamento da criança. Um dos conceitos trabalhados nesse período é o de egocentrismo, que se manifesta na linguagem, no raciocínio e explicação dos fenômenos físicos e no julgamento moral. Há uma preocupação maior em explicar os limites do raciocínio da criança do que as estruturas

do pensamento ou os processos que produzem o pensamento lógico. Trata do fator social e discute as trocas individuais por meio da cooperação, e define a “razão” como um produto coletivo, embora não renuncie à sua tese segundo a qual a lógica é própria da atividade do sujeito. Sobre a noção de estágio, nos textos deste período há uma certa relatividade, ou seja, o conceito não está firmemente definido ainda.

Pode-se concluir que a Epistemologia Genética, e em especial os quatro princípios explicativos sobre o funcionamento do psiquismo humano, que são “competência”, “capacidade de aprendizagem”, “atividade mental construtiva” e a “equilibração das estruturas cognitivas”, os pontos de partida para a elaboração de uma concepção construtivista do ensino e da aprendizagem escolar.

A Aprendizagem, segundo Piaget, introduz o conceito de equilibração, como condição prévia de toda aprendizagem no sentido estrito. No sentido amplo, verificasse a submissão da aprendizagem propriamente dita ao processo de desenvolvimento. Então, “uma aprendizagem não parte jamais do zero, quer dizer que a formação de um novo hábito consiste sempre numa diferenciação a partir de esquemas anteriores, mais ainda, se essa diferenciação é função de todo passado desses esquemas, isso significa que o conhecimento adquirido por aprendizagem não é jamais nem puro registro, nem cópia, mas o resultado de uma organização na qual intervém em graus diversos o sistema total dos esquemas de que o sujeito dispõe” (PIAGET, 1973).

2.2.5 Teoria sócio-cultural

Lev S. Vygotsky (1896-1934), seu idealizador, nasceu e viveu na Rússia, porém morreu muito jovem, com apenas 38 anos. Vygotsky estruturou um sistema de pensamento tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. Sua questão central é a aquisição de conhecimento pela interação do sujeito com o meio.

A Mediação é uma ideia central para a compreensão das concepções de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico. Esse conceito parte do pressuposto de que no processo de conhecimento o indivíduo não tem acesso direto aos objetos, os quais são mediados pelos recortes do real, operados pelos

sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento se dá pela mediação com outros indivíduos. O outro social pode apresentar-se por meio dos muitos e variados objetos de conhecimento, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

Por sua vez o processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento psicológico humano. A internalização envolve uma atividade externa que deve ser modificada para se tornar uma atividade interna. Inicia-se interpessoal e se torna intrapessoal. Vygostsky, contudo, emprega também a expressão função mental para se referir aos processos de pensamento, memória, percepção e atenção. Afirma que o pensamento tem origem na motivação, no interesse, na necessidade, no impulso, no afeto e na emoção.

Em consequência da internalização, existem pelo menos três níveis de desenvolvimento identificados por Vygostsky. O primeiro é denominado nível de desenvolvimento real e se refere aos conhecimentos já adquiridos ou formados e referem-se àquilo que o indivíduo é capaz de fazer por si próprio. O segundo ele chamou de nível de desenvolvimento potencial, e seria a capacidade de um indivíduo demonstrar aqueles conhecimentos não totalmente formados e que lhe dão capacidade para aprender com outra pessoa.

Nesse sentido, o professor tem um papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais, nas quais a aprendizagem se dá por imersão em um ambiente cultural. É função do professor, portanto, provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona de desenvolvimento proximal.

2.2.6 Andragogia

Em 1970, Knowles trouxe à tona as idéias de Linderman e introduziu em 1973 o termo andragogia (do grego: andros = adulto e gogos = educar), como “a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender”. Bellan (2005) destaca que andragogia é a ciência que estuda como os adultos aprendem, e quem primeiro usou esta nomenclatura foi o educador alemão Alexander Kapp, em 1833 para descrever elementos da teoria de Educação de Platão.

Segundo Hamze (2008) a andragogia é um caminho educacional que busca compreender o adulto, podendo ser considerada uma teoria, mas também um método de ensino, que se reflete em um somatório de trocas de conhecimentos entre o facilitador do conhecimento e o estudante adulto e suas experiências de vida. Neste modelo, a aprendizagem é de responsabilidade compartilhada entre professor e aluno e é fundamentada no “aprender fazendo”.

A andragogia foi a antítese do modelo pedagógico clássico que significa, literalmente, a arte e ciência de ensinar crianças. Esse modelo pedagógico, aplicado também ao aprendiz adulto, persistiu através dos tempos chegando até o século presente e foi a base da organização do nosso atual sistema educacional. Esse modelo pedagógico confere ao professor responsabilidade total para tomar todas as decisões a respeito do que vai ser aprendido, como será aprendido, quando será aprendido e se foi aprendido.

Segundo Aquino (2007), a andragogia, apresenta-se atualmente como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as idades. Sabemos que à medida que as pessoas amadurecem, sofrem transformações. A andragogia é descrita mais como uma forma sequencial do modo de aprender, do que uma teoria.

São seis as hipóteses por ela levantadas:

1. É necessário um ambiente de aprendizagem eficaz. Os estudantes devem se sentir calmos do ponto de vista psíquico.
2. Os estudantes devem participar da elaboração do programa de estudos que deve ser efetivo para o conteúdo e para o processo de aprendizagem.
3. Devem ser estimulados a participar na determinação de suas necessidades educativas o que favorece a auto-motivação, auto-avaliação e a reflexão.
4. Os estudantes devem fixar suas necessidades de aprendizagem, ou seja, a responsabilidade principal por seu aprendizado é deles próprios.
5. Deve-se incitá-los a identificar os recursos necessários para que atinjam os objetivos de aprendizado. Esse princípio estabelece a ligação entre as necessidades, os recursos e os objetivos finais da aprendizagem.

6. É necessário que os estudantes estejam implicados em seus próprios processos de avaliação. Essa é uma ferramenta fundamental ao processo de aprendizado autodirigido e que necessita de reflexão crítica.

Em contraposição ao modelo pedagógico, Chotguis (2007) relata que o modelo andragógico é baseado em vários outros pressupostos, dentre os quais destacamos:

1. A Necessidade de Saber. Os adultos investem energia investigando o que ganharão em aprender algo, assim, necessitam saber PORQUÊ aprender.

2. Autoconceito do Aprendiz. Os adultos respondem ao autoconceito de serem responsáveis pela própria vida e pelo que acontece com ela, inclusive pelo que aprende.

3. O Papel das Experiências dos Aprendizes. Os adultos acumulam mais experiências e de diferentes tipos, do que na juventude.

4. Prontos para Aprender. Adultos estão prontos para aprender o que vai fazer diferença em sua vida cotidiana, em situações reais.

5. Motivação. As pressões internas, como desejo de satisfação no trabalho e autoestima são motivadores mais potentes para os adultos do que as externas, como melhor emprego, salário, entre outros.

Knowles (2005), afirma que, ao se considerar uma teoria, deve-se entender as complexidades envolvidas na definição de educação e aprendizagem. Educação enfatiza o educador enquanto a aprendizagem enfatiza a pessoa na qual ocorrerão mudanças. Embora esta definição seja facilmente compreensível, desenvolver uma definição de trabalho de aprendizagem é muito mais complexo.

3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia da Educação situa-se na encruzilhada entre a Psicologia, enquanto ciência do comportamento, e a Educação, enquanto fenômeno que engloba os processos de ensinar e de aprender. Se a primeira procura descobrir, através do rigor e da objetividade da ciência, a natureza humana, nas suas múltiplas vertentes, já a última, ao centrar as suas preocupações na prática, exige resultados mais rápidos do que a anterior. Radicando na descoberta de leis e descrições, o corpo de conhecimentos da Psicologia evolui a um ritmo que é determinado pela complexidade

do funcionamento humano, ao contrário do que tende a suceder na Educação, onde, em contexto ecológico, releva o caráter prático do ensino.

A psicologia educacional pelo exposto, tem um papel preponderante no processo de ensino e aprendizagem, e constitui em uma ciência que vem auxiliar o professor no processo de ensino. Considerando as possibilidades explicativas para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno, além das dificuldades que surgem no processo ensino aprendizagem, resta-nos então o desafio de buscar na psicologia educacional os elementos explicativos para que possamos nos posicionar diante das situações presentes em sala de aula e na escola de modo geral.

A pesquisa permitiu compreender o contexto da psicologia educacional e a integração entre psicologia e educação, como ciências necessárias ao processo de desenvolvimento da aprendizagem e do ensino. Possibilitou ainda entender que a psicologia não apenas estuda o comportamento humano, mas é uma ciência que por seu interesse no desenvolvimento, no comportamento e na personalidade do homem, contribui para que os educadores compreendam o processo de aprendizagem do aluno de forma a ajudá-los a superar suas limitações e dificuldades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri; AZZI, Roberta Gurgel. **A psicologia da educação como um saber necessário para a formação de professores**. Temas em Psicologia, v. 15, n. 1, p. 41-55, 2007.

AQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. Pearson Prentice Hall, 2008.

ARAÚJO, Pedro Henrique Muniz; MAGDINIER, Thomaz Andrade; SANCOVSCHI, Beatriz. **O hábito na psicologia: estudo comparativo entre Behaviorismo e Gestaltismo**. Ayvu: Revista de Psicologia, v. 6, n. 1, 2019.

BARBOSA, Déborah Rosária. **Estudos para uma história da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

BELLAN, Zezina Soares. **Andragogia em ação: como ensinar sem se tornar maçante**. São Paulo, SOCEP, v. 3, 2005.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 4, n. 2, p. 315329, 1999.

GUERRA, Clarisa Terezinha *et al.* **O ensino de psicologia na formação inicial de professores-constituição de conhecimentos sobre aprendizagem e desenvolvimento por estudantes de licenciatura**. 2003.

HAMZE, Amélia. **Andragogia e a arte de ensinar aos adultos**. Disponível em [http://www.educador.brasilecola.com/trabalho docente/andragogia.htm](http://www.educador.brasilecola.com/trabalho_docente/andragogia.htm). Acesso em 09/ 05/ 2020.

KNOWLES, Malcolm. S. **The Adult Learner: The Definitive Classic in Adult Education and Human Resource Development**. 6th ed. San Diego, Califórnia, USA: Elsevier, 2005.

MARTINEZ, Albertina. **El professor como sujeto: elemento esencial de la formación de profesores para La educación inclusiva**. Movimento-revista de educação, n. 07, 2003.

NODARI, Lâla Catarina Lenzi. **Psicologia e educação**. 2009.

PERLS, Frederick Salomon. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. J. Sanz, Trad, 1981.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOSTSKY, Lev S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.